

Caminhos da cartografia: Percursos de Mulheres Vítimas de Violência Letal ou Tentativa de Femicídio na Maré

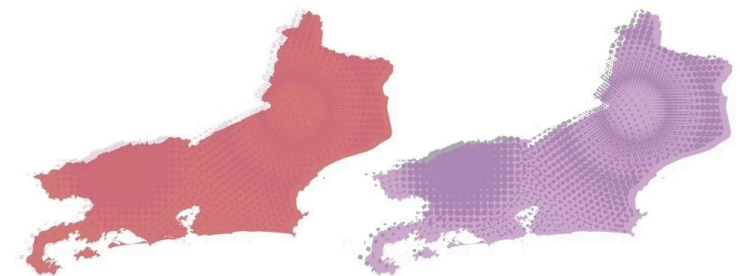
Julia Leal (OFRJ/UFRJ)

Miriam Krenzinger (OFRJ) UFRJ



Contexto Territorial

Localizado na zona norte do Rio de Janeiro, o conjunto de 15 favelas da Maré abriga mais de 140 mil pessoas. Trata-se de um território marcado por intensas desigualdades sociais, presença intermitente do Estado, disputas entre grupos armados e constantes operações policiais. Nesse contexto, a vida das mulheres é atravessada por **múltiplas formas de violência**, que vão desde a negligência institucional até a violência armada e o feminicídio.



Proposta de Cartografia Sensível

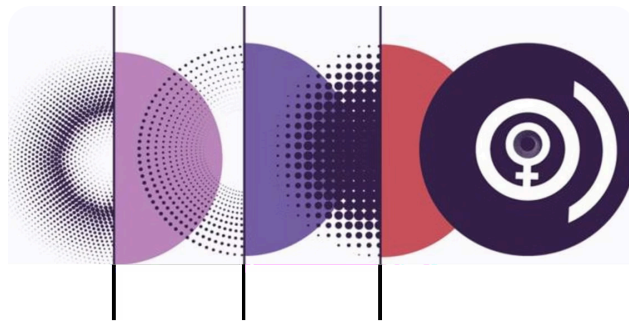
A proposta a seguir visa contribuir com a atuação do Observatório do Feminicídio a partir de uma cartografia sensível construída com base na observação participante. A partir da escuta e do acompanhamento dos percursos de 4 mulheres (cis e trans) vítimas de violência letal ou tentativa de feminicídio na Maré, pretende-se não apenas compreender os contextos que antecedem e sucedem essas violências, mas também produzir subsídios para a formulação de políticas públicas com base no território.

Compreensão do Espaço Urbano

Cartografar os percursos e rotas de mulheres vítimas de feminicídio ou tentativa no território da Maré parte da compreensão de que o espaço urbano, especialmente nas favelas, é atravessado por dinâmicas de desigualdade, controle, cuidado e violência que se expressam cotidianamente nos corpos e trajetórias das mulheres.

Leitura Situada e Política

Mais do que representar geograficamente os deslocamentos dessas mulheres, a cartografia aqui proposta busca construir uma leitura situada, política e sensível de seus caminhos, vínculos, medos, estratégias e silenciamentos – tomando o território como categoria analítica central.



Fundamentação Teórico-Metodológica

Trata-se de uma **cartografia social**, entendida não como instrumento técnico de localização, mas como prática crítica de produção de saberes desde o território, ancorada na escuta, na memória e na experiência. Inspirada em perspectivas feministas e decoloniais (Haesbaert, Rolnik, Santos, Santos e Silveira), essa abordagem considera que a espacialidade é indissociável de relações de poder, marcadores sociais da diferença e políticas públicas ausentes, precarizadas ou hostis.

A cartografia proposta tem como referência experiências já desenvolvidas por iniciativas como o NEDH (Cartografias Sociais em Direitos Humanos), as metodologias feministas da Redeh e outras práticas de pesquisa-participação com mulheres em territórios urbanos marcados por violência institucional e de gênero.



Observação Participante como Ferramenta

A **observação participante** é mobilizada como ferramenta de aproximação e escuta sensível, permitindo que a pesquisadora se insira em dinâmicas cotidianas, caminhe junto às fontes, registre afetos, silêncios e sinais que escapam à linguagem formal.

A escuta com familiares, vizinhas, lideranças e profissionais do território será fundamental para reconstruir os percursos das mulheres vítimas, compreendendo os contextos que antecederam a violência, os deslocamentos que realizavam, os lugares de refúgio ou ameaça, e as redes de cuidado que as cercavam (ou não).

Objetivos da Cartografia



Reconstruir os percursos cotidianos de mulheres vítimas de feminicídio ou tentativa, a partir da escuta com pessoas próximas.



Identificar rotas, espaços e dinâmicas territoriais que compõem os contextos dessas violências.



Evidenciar lacunas e presenças institucionais no território, em especial nos campos da segurança, saúde e assistência.



Contribuir para a produção de memória e denúncia das violências vividas por essas mulheres.



Subsidiar ações do Observatório do Feminicídio com uma leitura territorializada e situada.

Categorias de Análise

Território

Espaço vivido e atravessado por relações de poder, marcado por violências, controle, ausências ou falhas institucionais e também por práticas de cuidado, afeto e resistência coletiva.

Corpo

Como o corpo da mulher é afetado, regulado e protegido (ou não) nos deslocamentos cotidianos; impactos na saúde física e mental das mulheres.

Silêncio e escuta

O que foi dito, não dito, ignorado ou silenciado antes e depois da violência.

Rede de proteção

Mapeamento das presenças e ausências de instituições, políticas públicas e apoios informais.

Memória e justiça

Formas pelas quais as histórias dessas mulheres são lembradas, nomeadas e reivindicadas pela comunidade.

A proposta está
estruturada em três
eixos principais:



1. Territorialidade e Circulação

Este eixo busca compreender os espaços cotidianos das mulheres: onde viviam, trabalhavam, circulavam, se protegiam ou eram controladas. Trata-se de identificar os territórios da vida e do medo, os deslocamentos interrompidos, as rotas conhecidas e os limites impostos pela violência – tanto armada quanto institucional.

O mapeamento desses espaços será feito a partir de conversas com pessoas próximas às vítimas e caminhadas pelo território, com o intuito de reconstruir percursos e entender como o espaço urbano da favela influencia (ou restringe) as possibilidades de existência e proteção.



2. Redes de Apoio e Ausência Institucional



Dispositivos Institucionais

Este eixo pretende identificar quais dispositivos institucionais (formais e informais) foram acionados – ou poderiam ter sido – antes e depois da violência. As instituições formais seriam unidades básicas de saúde, escolas, CRAS, centros de referência da mulher, delegacias, entre outros.



Respostas e Silêncios

Busca-se entender quais foram as respostas (ou silêncios) das instituições diante das denúncias, sinais ou tentativas de ajuda.



Redes Informais

Ao mesmo tempo, o mapeamento das redes de apoio informal – vizinhas, familiares, lideranças comunitárias, terceiro setor, grupos religiosos, coletivos de mulheres – revelará como, diante das falhas do Estado, as estratégias de cuidado e proteção são reinventadas pelas próprias moradoras da Maré.

3. Memória e Mobilização

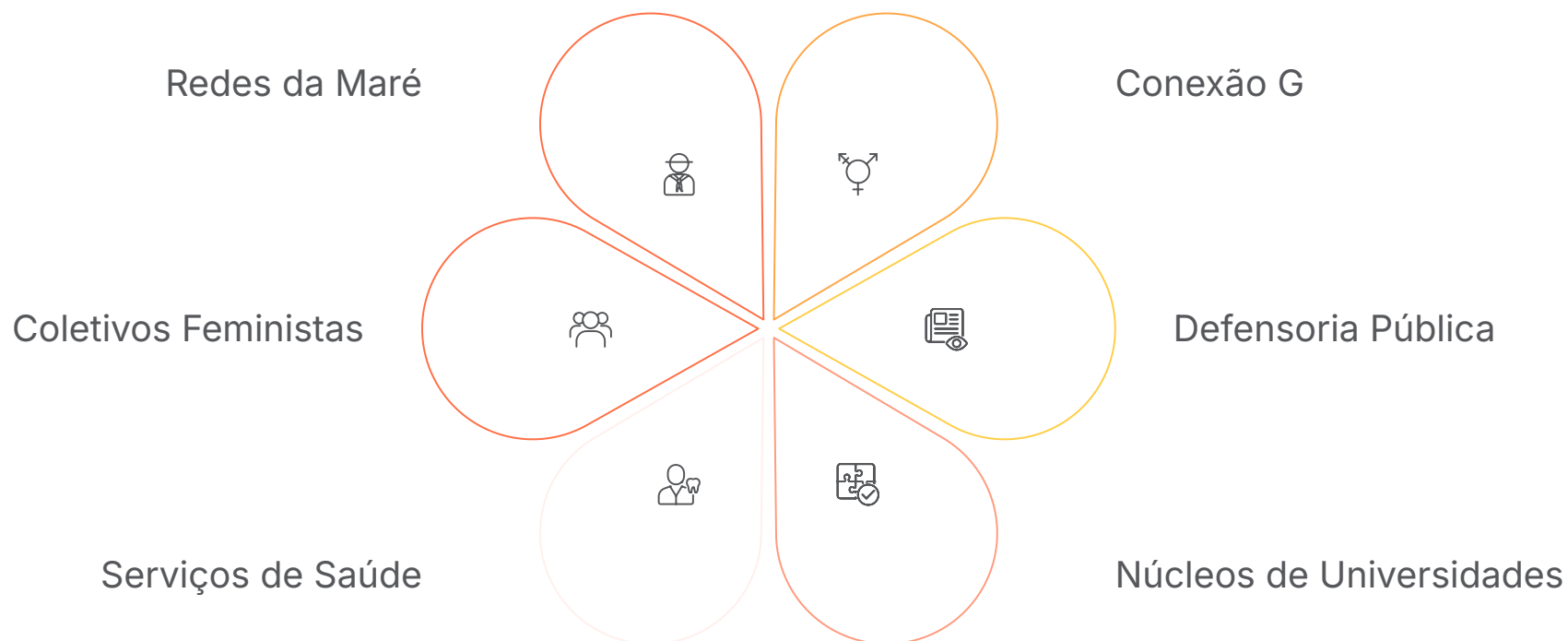


O terceiro eixo investiga como a **memória dessas mulheres** é construída e preservada — ou apagada — no território. Que nome é dado à violência sofrida? A morte foi reconhecida como feminicídio? Houve mobilização da comunidade?

O luto se transformou em denúncia, demanda por justiça ou ação coletiva? Esse ponto busca compreender de que forma a memória se articula à incidência política, à exigência por responsabilização e à construção de redes de resistência.

Metodologia e Articulação Institucional

A cartografia será desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, que inclui observação participante, escuta sensível, anotações de campo e registros visuais (quando autorizados). O trabalho será orientado por princípios éticos de cuidado, sigilo e respeito à memória das vítimas e às pessoas envolvidas.



Paralelamente à escuta no território, será fomentada a articulação com instituições e organizações comprometidas com o enfrentamento à violência de gênero, como a Redes da Maré, Conexão G, Defensoria Pública, Núcleos de Universidades, serviços de saúde, assistência social, coletivos feministas, assim como parlamentares, gestores de políticas e tomadores de decisão de forma geral. Essa articulação visa ampliar o alcance da cartografia como instrumento de incidência, contribuindo para o fortalecimento das redes locais de proteção, o aprimoramento das políticas públicas e a promoção da justiça para mulheres vítimas de feminicídio.

Bibliografia

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000200013>.

PASSOS, Luciana; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REDE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO – REDEH. *Oficinas de cidadania: uma metodologia feminista de trabalho com mulheres*. Rio de Janeiro: REDEH, 2000.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental. In: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 87-123.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SEGATO, Rita Laura. *La escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juárez*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2006.